



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

## OUTRA VEZ MIMI, NECAS E LULÚ

por LEONOR DE CAMPOS

**M**IMI, Nécas e Lulú tiveram nesse dia um grande desgosto. A mãe, que há tempos andava com certos ares misteriosos, acabava de lhes fazer um pequeno discurso

«Meninos; Vou dar-lhes uma novidade que, por certo, lhes causará prazer. A minha amiga Maria Tereza que, como os meus filhos sabem, vive em Inglaterra, escreveu-me pedindo para arranjar colocação para uma rapariga inglesa professora. Porisso o vosso Pai e eu resolvemos mandá-la vir para nossa casa. Aprenderéis, assim, o inglês sem dificuldade.

Então, meus queridos: gostam desta notícia? Os três irmãos olharam uns para os outros e torceram os respectivos narizes. Mas, não que-

rendo desconsolar a mãe, responderam, cada um por sua vez:

«Decerto!...»

«Pois estamos!...»

Mas, apenas no corredor se extinguiu o ruído dos passos da Mãe, o Lulú, furioso, atirou ao chão a cadeira em que estivera sentado e, com os dentes cerrados, gritou:

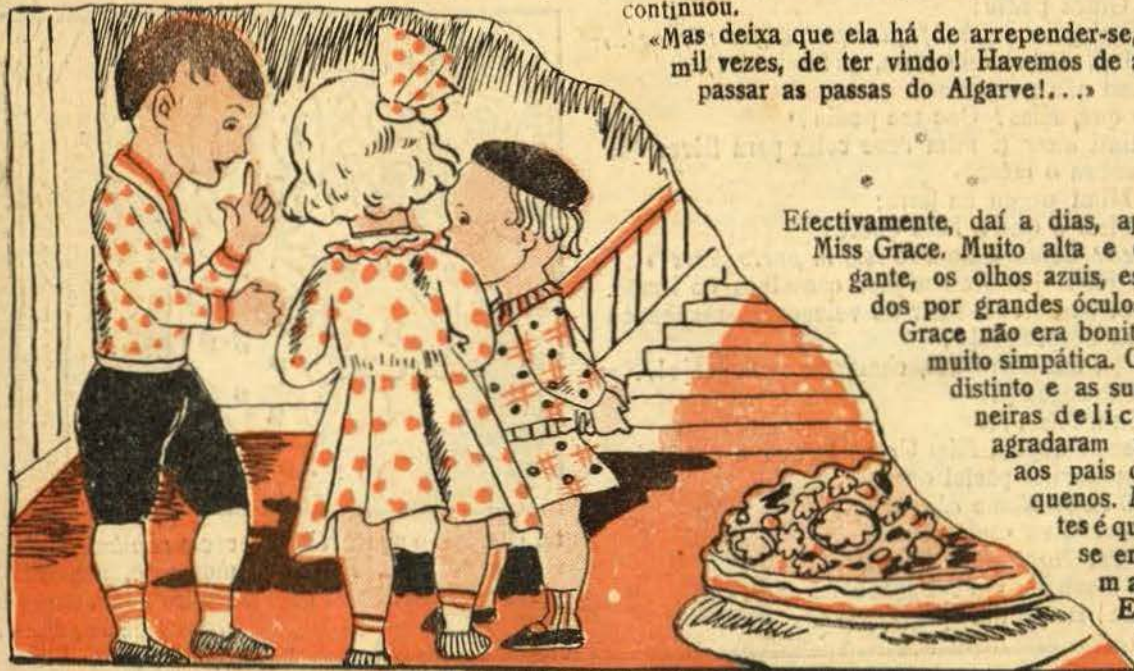
«Demónios levem a Maria Tereza e a Miss e mais a palerma da idéa de ela vir para cá!... Estava a gente aqui tão sossegadinho sem ninguém que a ralasse... e vem agora a tal maluca da *bifa* desmanchar prazeres!...»

«Pois é!...» — concordou Mimi.

«Naturalmente!...» — afirmou Nécas.

E o Lulú, animado pelas palavras dos irmãos, continuou.

«Mas deixa que ela há de arrepender-se, trinta mil vezes, de ter vindo! Havemos de a fazer passar as passas do Algarve!...»



Efectivamente, daí a dias, aparecia Miss Grace. Muito alta e deselegante, os olhos azuis, escondidos por grandes óculos. Miss Grace não era bonita, mas muito simpática. O seu ar distinto e as suas maneiras delicadas, agradaram imenso aos pais dos pequenos. Mas estes é que nada se entusiasma a ram. E, como a Miss



quasi por completo desconhecía a nossa língua, o Lúlu teve, logo, uma das suas excelentes idéas: Chamou porisso aparte os irmãos. E os três, de sociedade, logo ali resolveram a sua conducta futura. Dai em diante, sempre que a professora quizesse saber o nome português de qualquer palavra, dir-lhe-iam trocado.

«Fixe!»  
«Combinado!...»

Tinham passado oito dias desde que Miss Grace entrara em serviço. Fazia anos o pai de Mimi, Nécas e Lúlu. Era costume haver sempre, nesse dia, uma pequena festa que terminava por um chá.

Miss Grace quíзера, também, colaborar nos preparativos do festim. Porisso, a mãe dos pequenos a incumbira da disposição de flôres nas jarras e puzera a Mimi ao seu serviço como ajudante.



A certa altura, sòzinhas as duas na sala de jantar, Miss Grace pediu:

«Mimi, give me that flower-pot, if you please!... (Mimi, dê-me essa jarra, se faz favôr!),»

Mimi não percebeu:

«O quê, Miss? Que me pediu?»

«Mimi darr a mim esse coisa para flôres que está sôbre o mēsa!»

A Mimi pegou na jarra:

«E' isto o que a Miss quere?»

«Yes! Como chama-se ista in portuguese?»

A Mimi lembrou-se dos conselhos do irmão. E, com os olhos a luzir de velhacaria, respondeu com ar desprendido:

«Isto, em português, chama-se caranguejo!...»

«Carrangueija?»

«Sim, Miss...»

Pouco depois Miss Grace tornou a preguntar, apontando um pastel de nata:

«E ista? Como chama-se?»

«Chama-se bofetada!»

«Yes! Bofetada! E ista!»

E mostrava um rebuçado de ovos.

«Ah! Isso é um pontapé!»



«Pontapé! Well.»

E a Miss, receosa de esquecer a lição repetiu muitas vezes:

«Carrangueija! Bofetade! Pontapé! Carrangueija! Bofetade! Pontapé!...»

Mimi, quasi a estalar de riso, arranjou qualquer pretexto para se escapar e foi logo ter com os irmãos. Contou-lhes a cēna. Todos três riram como uns maluquinhos? O Necas até se rebojava no chão. E o Lúlu, com ares superiores, avançou para Mimi e, dando-lhe um abraço, felicitou-a pela sua proeza:

«Bravo, pequena! E's minha digna discípula!... Se assim continuas, garanto-te que hás-de ir longe!...»

Chegou a hora do chá. Os convidados, a pedido dos donos da casa, dirigiram-se para a sala de jantar.

Miss Grace, toda afadigada, ajudava a mãe dos pequenos a servir os seus hóspedes. E, amavelmen-



te, chegava o açucareiro, oferecia sandwiches, distribuía sorrisos. Em dado momento, pegou num prato com pasteis de nata e noutro com rebuçados

(Continua na página 57)



# DESTINOS

NOVELA INFANTIL

POR

GRACIETTE BRANCO

CONTINUADO DO NUMERO ANTERIOR

Nessa tarde, vendo Hellen mais alegre do que habitualmente sucedia, Harry perguntou-lhe, interessado:

—«Que te aconteceu para que rias hoje tanto? Estás tão alegre e nervosa! Desconheço-te hoje, Hellen...»

«Eu, Harry!... Estou muito alegre?... Talvez, dentro em breve, adivinhes a causa da minha alegria...»

—«Mas porque não me dizes já, Hellen? Também tenho direito a ser um pouco curioso com a minha maior amiga...»

—«Ai, não, Harry!... Por enquanto, é cedo para uma revelação. Não me perguntes mais nada.»

—«Se isso te contraria...»

—«Vais hoje jantar connosco?»

—«Quem têm vocês hoje?»

—«Oh! Apenas o Fernando!»

—«Esse Fernando muito deve trabalhar, Hellen! Os únicos momentos em que o tenho encontrado, são á hora das refeições. Ele não sá, não faz sport?...»

—«Não, Harry. Fernando é uma natureza diferente da vossa. Não quero dizer que tu, Harry, sejas precisamente igual aos outros... Mas o Fernando — oh! o Fernando! — é todo êle cérebro, nasceu para lutar, para criar na vida um caminho diferente daquêle que o destino lhe oferecia. Ele não quer ser mediocre; quer, á sua custa, á custa do seu esforço, conseguir, na vida, um lugar de destaque. É a sua ância não julgues que é apenas ser rico para deslumbrar os outros: deseja sempre produzir, trabalhar pela vida para que

o seu trabalho seja útil e proveitoso á humanidade.

Não imaginas como êle tem auxiliado o Pai. Alargou secções nas fábricas, empregou mais braços e por isso é adorado por todos os operários. O Pai passa agora alguns dias sem ir aos escritórios, tanta confiança deposita nêle. Eu admiro-o muito, Harry!

Enquanto nós gastamos aqui o tempo jogando o «tennis», o Fernando, sentado á secretaria ou dirigindo serviços, é a sublime encarnação do trabalho, é a figura máxima do Dever.»

—«Tens razão, Hellen; — (interrompeu, sorrindo, Harry.) Mas... sabes uma coisa!?...»

—«O quê? Dize lá...»

—«E' que... nunca te ouvi falar com tanto entusiasmo, tanta vibração, tanto calor! Enquanto falavas, brilhavam-te mais os olhos, córavas, rias sem querer...»

Receio que alies á simpatia que o Fernando te inspira, um outro sentimento mais forte...»

Helen desatou a rir, nervosamente...

—«Tem graça — exclamou! — O senhor Harry a sair-me psicólogo á última hora!... Tem graça...»

—«Ah! Helen, Helen... O nervosismo da tua resposta, não me deixa a menor dúvida...»

Mas Helen deixou de sorrir e acrescentou, desviando o assunto:

—«Sempre vais jantar connosco?»

E' verdade: ainda não te disse que vamos reunir algumas pessoas amigas, no dia do aniversário do meu Pai. Quero ver se junto um grupo alegre, para dançarmos até de madrugada.»

—«Bravo, Helen! Bela idéa! Raparigas e rapazes, que queiram divertir-se, não faltam. Quando é? —»

—«Na próxima quinta-feira.»

—«Bem; a pesar de não receber convite por escrito... não faltarei...»

—«Bem sabes que estás sempre convidado

(Continua na página 6)





# PEQUENAS CAUSAS GRANDES EFEITOS!

POR ANÃO SABICHÃO

**E**STE caso que vou contar aos leitorzinhos do *Pim-Pam-Pum* é natural que os faça pensar nas conseqüências de certos actos que, à primeira vista, parecem não ter nenhuma importância. Um velhote saloio seguia a caminho da vila em companhia do filho.

De repente, parou, com os olhos fitos no chão.

— Ó António — disse êle para o rapaz — não vês aí essa ferradura caída? Abaixa-te e mete-a no bolso.

— Vocemecê sempre tem cada uma! — resmungou o môço, encolhendo os ombros, com um ar indiferente. Vale lá a pena uma pessoa baixar-se para apanhar um ferro velho!

O pai, sem dizer mais palavra, apanhou a ferradura e guardou-a.

Daf a pouco, passaram por uma aldeia onde um ferrador lhe comprou a ferradura por uma bagatela.

Essa bagatela dava, no entanto, para êle comprar uma mancheia de cerejas.

E foi o que o velho saloio fez, metendo-as dentro do lenço que atou cuidadosamente.

Puzeram-se, então, outra vez a caminho.

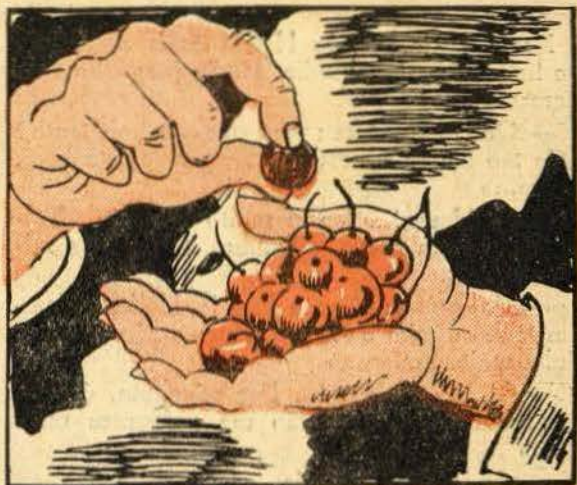
Estava-se no mês de Agosto. O sol era ardentissimo. O rapaz suava por todos os poros e morria de sede, mas, para onde quer que se virasse, não via nem uma casa, nem uma árvore para se abrigar, nem sequer uma pinga de água que o refrescasse.

Vai o pai, que o observava pelo cantinho do ôlho, disfarçadamente, deixou cair uma cereja.

O António saltou-lhe logo em cima e enguliu-a, com sofreguidão.

Passos andados, o velhote deitou para o chão outra cereja e, em seguida, outra e mais outra, e mais outra, até acabarem.

De cada vez que caía uma cereja, o António bai-



xava-se logo para a apanhar, com tanta avidez, como se fôsse pedras preciosas.

Quando chegou à última, o pai virou-se para o rapaz e, rindo muito, saiu-se com esta:

— Vês, António? Se tu te tivesses baixado uma vez só, para guardar a ferradura, já não tinhas precisão de te baixar tantas vezes para apanhar as cerejas. Bem certo é que a gente para evitar um pequeno trabalho, pode sujeitar-se, depois, a outros trabalhos muito maiores!

Esta foi a moral que o esperto saloio tirou do caso e vejam lá se êle não tinha tôda a razão?

Já agora, vou ainda desfiar aqui uma outra história. Bate no mesmo ponto e é por isso que vem a propósito.

Voltava duma feira um negociante.







Vinha carregado de sacos de dinheiro e o seu desejo era chegar a casa antes de anoitecer.

Montou a cavalo e pôs-se a caminho.

À por volta do meio dia, chegou a uma terra, onde descansou.

Quando se ia embora, o criado da estalagem disse-lhe:

— O' senhor, olhe que a ferradura esquerda do cavalo tem um cravo a menos.



falta do cravo e perguntou-lhe se queria que levasse o animal ao ferrador.

— Qual história! — redarguiu o homenzinho. Já pouco caminho nos falta! O cavalo agüenta! E eu tenho muita pressa!

E lá se foi, cavalgando, por ali fora.

Mas, eis senão quando, o cavalo começou a coxear, depois aos tropeções.

Não tardou muito que desse um tropeção maior e tão grande foi êle, que partiu uma perna!

Barafustando, aflitíssimo da sua vida, o negociante não teve mais remédio senão deixar o pobre animal para ali abandonado.

Agarrou nos sacos de dinheiro e pô-los às costas. Com muito custo, foi andando, todo curvado, sob tamanho peso.

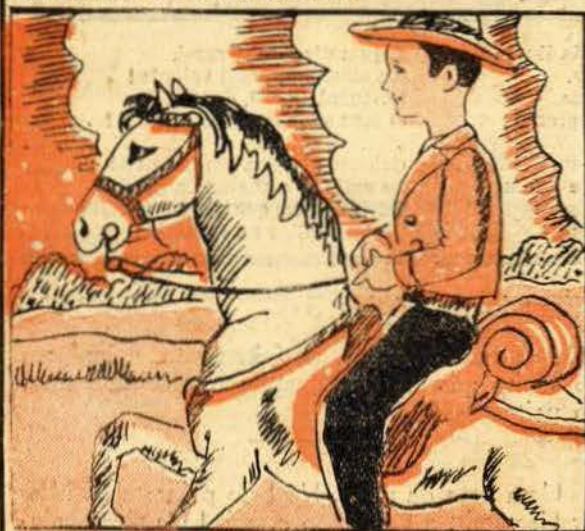
Só a altas horas da noite conseguiu chegar a casa.

Furioso, vociferava:

— Maldito cravo! Tu é que foste a causa da minha desgraça!

Tive pena de não estar ali para explicar àquele tapado que só a sua negligência em descurar pequenos nadas lhe arranjará aquele trinta e um!

Agora, os meus meninos é que, depois de tomarem conhecimento destas duas historietas, certamente tratarão de não desleixar coisas insignificantes, que podem ocasionar contratempos e até infelicidades do tamanho da légua da Póvoa!



— Deixá-la ter! — replicou o negociante. Ainda há-de agüentar até casa e estou com muita pressa.

À tarde, quando desmontou para dar a ração ao cavalo, o moço da estrebaria também o preveniu da

## OUTRA VEZ MIMI, NECAS E LULÚ (continuado da página 2)

de ovos e, muito contente por mostrar os seus progressos em português, dirigiu-se a uma senhora:

«Senhorre deseje um bofetade ou uma pontepé?»

A senhora, supondo talvez que a Miss endoicera, recuou assustada. E encostou-se ao aparador, tocando sem querer numa jarra que ali estava. A jarra estremeceu e a Miss gritou:

«Oh senhorre! Caia a carrangueija!...»

Todos pararam de mastigar e olharam, curiosamente, as duas.

E a Miss, muito gentil, feliz por se sentir o alvo da atenção geral, por supôr que estava a falar português maravilhosamente, voltou a oferecer:

«Querrer um bofetade ou uma pontepé?»

A senhora, allita olhou para a mãe dos pequenos, como a pedir-lhe socorro. Esta avançou e falou com Miss Grace em inglês.

Tudo se explicou e esclareceu.

Como se pode imaginar, a Mimi não continuou a rir. A mãe chamou-a lá dentro e não se sabe bem o que aconteceu. O que se sabe, de certeza, é que ela nessa tarde não voltou a aparecer aos convidados e que, durante muitos dias, sempre que se sentava, exclamava, dorida, a esfregar as costas:

«Apre!... Que isto ainda dói!...»



# NOBRE AMBIÇÃO

por ARGENTINITA

**O** Nécas, garoto lindo,  
De altivo e belo perfil,  
Parece um anjinho, vindo  
Lá do céu, azul, de anil.

Nos olhos, de doce enlelo,  
Que em nós fixa com magia,  
Já se reflecte o anseio,  
De ser: — um Grande, algum dia!

Seu coração, pequenino,  
Acalenta uma ambição,  
Que, imerso em fé, o bambino  
Cultiva com devoção;

Ser brioso oficial...  
Possuir a altiva linha...  
P'ra defender Portugal,  
Na nossa heróica marinha!

Resumir-se, neia, a vida,  
Para num esforço altaneiro,  
Elevar a Pátria querida,  
Ao nível do mundo inteiro!

E, zombando da procela,  
Ir divulgar no estrangeiro  
A lusa epopeia bela  
E o valôr do marinheiro!



Quando um, vê, na farda linda,  
A sua alminha inocente,  
Pulsa de alegria, infinda  
E murmura, em voz de crente:

Eis um guerreiro garboso,  
De que reza a história e a fama,  
Ao largo do mar formoso,  
Na frota, Vasco da Gama!

Algum dia, assim serei,  
Na marinha, herói valente!  
Portugal, por ti, darei  
O meu sangue em fé ardente!...

Criança! Nunca em teu peito...  
Se extinga a chama da glória!  
Queira Deus, que um nobre feito  
Te immortalize na História!

## DESTINOS — Continuado da página 3

para todas as reuniões da nossa casa. Desde pequeno que todos te tratamos como família... Eras o *desabafo* de todas as minhas cóleras infantis, o alvo das minhas pedras e as tuas canelas o alvo dos bicos dos meus sapatos...»

— «Habitua-te, Helen, a considerar-me um teu irmão...»

— E' verdade, Harry, é verdade... Adeus... Estou cheia de pressa... Esperamos-te para o jantar...»

E Helen, pondo fim a uma conversa que ameaçava complicações, partiu, a correr, deixando Harry desolado, olhando o fumo do seu

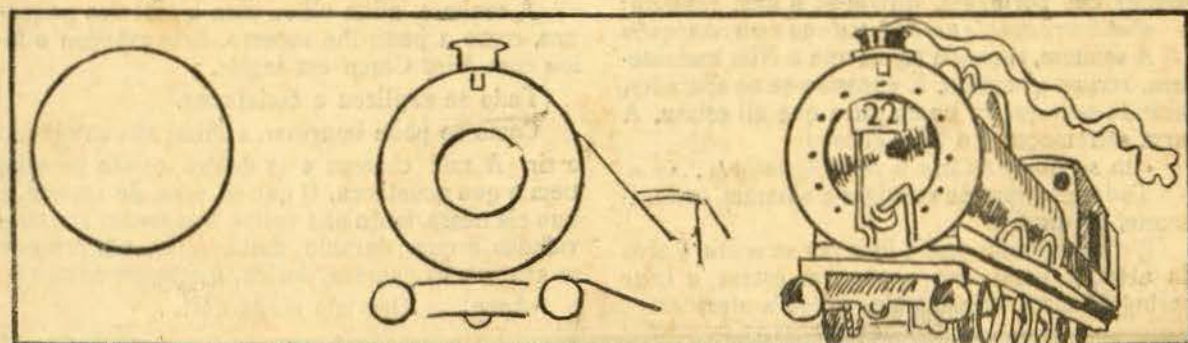
belo charuto, que era, perfeitamente, a imagem do sonho querido que guardava, preciosamente, no peito.

Uma hora da noite. No belo palacete de Mister Grossmitt a animação crescia! Os pares, alegres, desempoeirados, frescos, buliçosos, deslissavam estonteados ao som dum esplêndido jazz.

Helen, vestida de organdi branco, semelhava a asa branca duma pomba.

(Continua no próximo número)

## L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha uma locomotiva



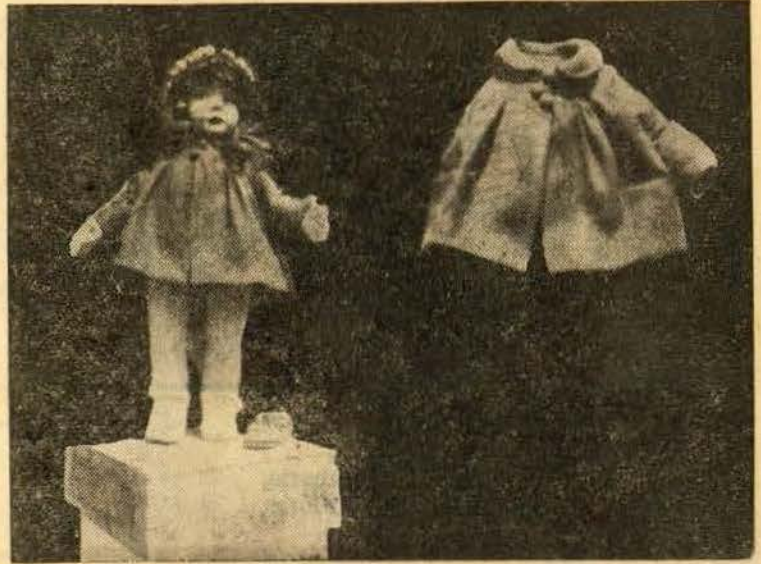
# O CESTINHO DA COSTURA

## SECÇÃO QUINZENAL PARA MENINAS

Minhas queridas discipulas:  
Fui hoje surpreender a «Fifi» exactamente quando ela fazia a sua *toilette* para um grande passeio e pareceu-me tão engraçada que não resisti à tentação de fotografá-la para a vir apresentar às minhas ilustres abelhinhas.

Foi, principalmente, o seu casquinho que atraiu a minha atenção e me fez pensar em trazer-vos este engraçado modelo, que podereis aproveitar para a vossa *Bébé*. Com uma pequenina ajuda da vossa mãezinha, muito facilmente o executareis e a boneca terá um confortável abafo para as tardes frescas de verão.

O tecido mais apropriado é a flanela de algodão que fará um lindo efeito e tem a vantagem de ser barata, tornando, portanto, a obra pouco dispendiosa. Ficará muito engraçado se escolherem para êle uma cor berrante.



E, por hoje, despede-se, com muitas saudades, a **ABELHA MESTRA** **MARIA GABRIELA.** — O teu pedido só poderá ser satisfeito no próximo número.

SOLUÇÃO DOS ENIGMAS PITORESCOS: 1-Moura — 2-Palmela — 3-Vila do Rei — 4-Faro — 5-Crato — 6-Castelo Branco — 7-Estremós.

M	A	C	A	U
I	R		R	
		V	A	C
		B	A	R
		E	M	A
A	M	A	S	O
J	E	I	E	T
R	A	L	O	J

PALAVRAS CRUZADAS —  
Solução do problema anterior

## PARA OS MENINOS COLORIREM



## CHARADAS EM FRASE

por ZIUL

No Oceano a vogal ruim existe por que é sublime. 1-1-1-1.

Se tu mulher ofereces este livro 3-1. Lá porque êle a adora e tenha muito dinheiro não passa de ser um homem 2-2.

O homem caminhava com a sua mulher 2-2.

Solução das anteriores: 1 Corrimão, 2—Manada, 3—Melodia, 4—Miséria, 5—Remédio, 6—Galopim.

Solução das combinadas  
1—Alparça, 2—Almeirim, 3—Chamusca.



# DONA LOLA E SEU LULÚ



I — Treinando-se em campo aberto, um grupo de jogadores, o Quim, o Juca, o Humberto, e o grande Dom Pepe Flores,

II — aos ponta-pés a uma bola, correm numa roda viva, de calção, de camisola e de meia desportiva.



III — Ao ver que o campo era aberto, sem vedação, todo nú, muito ancha, passa perto Dona Lola e seu lulú.

IV — O cachorro, ao ver a bola, corre atrás dela, a ladrar, a-pesar da Dona Lola numa aflição o chamar.



V — Os jogadores, então, qual deles o mais carola, no meio da confusão, tomam o cão pela bola.

VI — E a Dona Lola, entretanto, cheia de fúrias e ganas, observa, com grande espanto, o seu lulú... em pantanas!